



13

**TERRITÓRIO DO RIO
RIOZINHO COMUNIDADE
SANTA FÉ**



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

**SANTA FILOMENA E
BAIXA GRANDE
DO RIBEIRO – PI**



PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Fascículo N° 13 Abril 2019

Território do rio Riozinho Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida - CESTU/UEA
Rosa Elizabeth Acevedo Marim - NAEA – UFPA

COORDENAÇÃO DO PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Carmen Lúcia Silva Lima
Franklin Plessman de Carvalho
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Jurandir Santos de Novaes

EQUIPE DE PESQUISA/ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

PESQUISADORES VOLUNTÁRIOS

Altamiran Ribeiro Lopes
Paulo Henrique Sousa Santos

BOLSISTA PREX UFPI

Dayanne Tháís da Silva Santos

CARTOGRAFIA

Jessica Maria Barros da Silva

REGISTRO VISUAL

Carmen Lúcia Silva Lima
Cristhyan Kaline Soares da Silva
Deanny Stacy Sousa Lemos
Ilana Magalhães Barroso
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

COORDENAÇÃO DA EQUIPE DE PRODUÇÃO DAS LEGENDAS

Carlos Daniel Vicente dos Santos
Gisele
Joel
José Neto
Josivaldo
Larisa
Leonardo,
Leonice
Lucia Flávia

EQUIPE DE COLETA DOS PONTOS DE GPS

Candido Lustosa Soares
Cristhyan Kaline Soares da Silva
Deanny Stacy Sousa Lemos
Eliê
Honório Lopes Rodrigues
Ilana Magalhães Barroso
Ilsomar Pereira Castro
José Orlando Alves Lopes
Luciano Alves da Silva
Márcia Leila de Castro Pereira

PROJETO GRÁFICO

Marcela Costa de Souza



Participantes da Oficina de Produção do Mapa:

Raimundo Nonato Campos, Paulo Henrique S. Santos, Carlos Daniel Vicente dos Santos, Rozalve Mariano de Sousa, José de Louvres Campos, Adailton Pereira de Castro, Gildevane Alves Lopes, José Paixão Carvalho, Maria Beatriz Siqueira da Cruz, Ronaro Lopes Rodrigues, Antonina Pereira Lopes, Almerinda Maria Carvalho, Jovecino Pereira da Silva, Presilino Pereira da Silva, Jocelino Pereira da Silva, Cândido Lustoso Soares, Leandro Pereira dos Santos, Manoel Alves Lopes, Mário da Luz Alves, Salvador Antônio dos Santos, Valdemir Alves Borges, Ilsomar Pereira de Castro, José Mariano de Sousa, Joana Pereira de Castro, Jucelino Ferreira Mota, Moisés Rodrigues de Sousa, Ildimar Pereira de Castro, Hélio Mariano de Castro, Maria Ivoneth Lopes Campos, Teodora Ribeiro dos Santos, Maria da Paz Mariano de Castro, Joares Mariano de Sousa, Valdenor Pereira de Castro, Adailton Pereira de Castro, José Orlando Alves Lopes, Luciano Alves da Silva, Luís Pereira Lopes.

FICHA CATALOGRÁFICA

T326 Território do rio Riozinho Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena - Conflitos Socioambientais e Impactos do Agronegócio no Sudoeste Piauiense / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 13 (abr. 2019) / Coordenação da pesquisa: Carmen Lúcia Silva Lima.– Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).
ISBN: 978-85-7883-512-5

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Lima, Carmen Lúcia Silva.

CDU: 528.9:39

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

COMUNIDADE SANTA FÉ, MUNICÍPIO DE SANTA FILOMENA

O povoado de Santa Fé, zona rural do município de Santa Filomena, no sudoeste piauiense, teria sido, segundo relatos, constituído pelo Sacerdote John Antony Mayers (Padre João), missionário redentorista com meio século de sacerdócio, nascido na Irlanda e radicado no sul do Piauí há pelo menos três décadas. Ao que parece, o padre estava na região desde quando se instalaram os primeiros habitantes de Santa Fé, encravada à margem do Riozinho (limite natural com Baixa Grande do Ribeiro), distante 107 quilômetros da sede municipal.

O território do rio Riozinho é composto pelas comunidades: Santa Fé, Brejinho, Angical, Brejo Feio, Brejo Seco, Cabeceira do Brejo, Chupé, Baixão Fechado, Tamboril, Brejo da Areia, Baixão da Areia, Salto, Brejo Novo, Jibóia, Cachoeira, Sete Lagoas, Gurgagem e outras comunidades. Assim, o rio Riozinho congrega uma rede de povoados de extrativistas, agricultores e ribeirinhos, como indica a rica toponímia, entretanto tem sua sustentabilidade hídrica ameaçada pelo impacto do agronegócio. Os principais rios são o Uruçuí-Una e Riozinho, para os quais convergem numerosos riachos de pequenas dimensões e um complexo sistema de Brejos que alimentam os baixões.

A implantação dos “projetos”, categoria nativa para se referir aos empreendimentos agropecuários de monocultura, implica em mudanças drásticas no meio ambiente físico, biótico e antrópico. Os “projeteiros”, como são denominados os fazendeiros e/ou grileiros pelas comunidades, são os donos desses “projetos”, fazendas. Há inúmeros relatos sobre processos de grilagem e apropriação do controle da terra e de seus recursos naturais. A existência desses “projetos” no entorno dos territórios camponeses, aumenta a pressão sobre os ambientes e os recursos naturais e traz, como efeitos deletérios e comuns a esses processos, as ameaças, intimidações e acirramento de conflitos fundiários e territoriais e, conseqüentemente, o aumento da vulnerabilidade das pessoas que vivem a experiência de convivência com esses grandes empreendimentos.

Por outro lado, de fundamental importância foi a oportunidade dos povos impactados serem ouvidos durante a Oficina de Produção do Fascículo e do Mapa, realizada nos dias 28 e 29 de outubro de 2017, com tempo para contribuir na identificação dos impactos do agronegócio nos territórios camponeses e ribeirinhos, suas estratégias e avaliação da intensidade dos mesmos, como caracterizado nos relatos deste fascículo.

“Aqui já existiam moradores, mas era distante um dos outros, ficavam três, cinco quilômetros para a casa mais próxima. A comunidade Santa Fé começou depois do padre João se reunir, observação, antes do padre não existia estrada, nem meio de comunicação, nem água encanada” (Cândido Lustosa Soares, Comunidade Santa Fé Município de Santa Filomena).

“ Nosso povoado começou atrás da associação. O padre fundou a associação e trouxe para nós aqui e nós assinamos. E foi como começou nosso povoado. Começou com três casa, aqueles que desistiram foram embora, mais nós continuamos. Trouxeram o colégio pra cá e fomos atrás do colégio pra nós botarmos nossos filhos no estudo. Nós nos unimos e viemos pra cá, os filhos estavam caminhando 5 a 6 quilômetros a pé” (Lourenço, morador de Santa Fé).

PRESENÇA INDÍGENA NOS BAIXÕES

“ Eu era rapazinho novo ... escuta bem. Viemos pra cá, aí surgiu um velho pra morar nesse boqueirão de nome Carnaúba. Quando esse velho chegou era brabo, não existia ninguém, era brabo. Tinha muito índio brabo. Surgiu uma fazenda nessa terra, era brabo a montanhona, o cerradão, não existia ninguém, daí se apossaram. Quando se apossaram, tinha esses índios que moravam nesse baixão. O velho explicou: - Vocês não ficam aí porque tem uns índios que moram dentro desse baixão e eles não deixam.

- Ah, que nada, nós temos máquina que destampa tudo e arranca. Eles ficaram lá e destamparam um tanto, pousaram e ficaram ribeirando aquilo ali, daí foi indo, foi fazendo barracão e já foi a época que eu fui pra lá pra esse barracão, pra cozinhar lá para os trabalhadores e juntou aquele tanto de trabalhador” (Luiz Pereira Lopes, Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena).



Trilha em direção a um baixão



Paisagem rochosa, Município de Santa Filomena

Território do rio Riozinho Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena

“Tinha um velho que chamava Manoel, ele tinha o sangue de índio. Só que já era mais manso, já conversava com a gente. Uma meia noite, não sabem nem que horas os índios vieram e conversaram com ele, pegaram três sabugo de milho novo verde assado e jogaram dentro da rede dele e conversaram com ele, falaram: - Oh, diga pra essa turma que só não vamos acabar com tudo por que nós estamos desarmados e a turma não tá toda, mas de hoje a oito dias nós vem com tudo e a turma toda chega aqui e não vai ficar ninguém. Todo mundo correu, deixou lá largado, já depois de uns 15 dias mais adiante foi que retornaram a posar de novo. O velho vai e diz: - Óh, dentro daquele baixão ali é um plantio de milho dos índios. É um plantio de milho deles e tem muita caça. Depois foi indo, eles desgostaram por que estavam desmatando, não tinha mais caça. Eles só ficam onde tem caça né? Acabou com tudo e eles desabaram no mundo” (Luiz Pereira Lopes, Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena).

CONSEQUÊNCIA DOS DESMATAMENTOS E INVASÃO DOS BAIXÕES PELOS PROJETEIROS



Brejo Seco, Município de Santa Filomena

“Brejo Seco, Município de Santa Filomena” É o seguinte sobre os desmatamentos, aqueles desmatamentos pra querer comer a beira da ribanceira eu não concordo com isso não, porque está destruindo muita coisa, destrói as montanhas, aquelas redes de água que era pra correr para o lugar certo, entope devido à erosão, acaba com tudo, e vira o quê? Um deserto, né? Eu não sou contra os projeteiros não, agora eles lá que precisam fazer a reserva deles. Reserva de eucalipto, o que vai dar? Só sequidão. Eu só vejo

reserva de eucalipto, eu não vejo eles deixando uma reserva que não seque, por onde eu passo não tem. Nós temos esse verde no planeta, isso aqui é nosso, nós não vamos ceder pra ninguém não. Eu tenho esse terreno aqui, mas eu deixo verde, não acabo com tudo, deixo essa beirada, é do verde e eu preciso do conforto do verde. Agora tem os projeteiros que não gostam do verde, gostam do dinheiro pra ter nome, muitos milhões. Mas o verde é nosso, não é deles não. Eles querem dizer que fala para o governo que a baixada é deles, por que estão apoiado bem em cima da serra? Não, não é deles não. O que é verde é nosso, é meu, é seu, é de todo mundo, não é mesmo?” (José Pereira da Silva, Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena).

O VENENO QUE VEM DA SERRA

“ Tem muita praga. O ano passado mesmo nós plantamos a roça debaixo, plantamos milho, plantamos fava e atacou aquele negócio que o povo fala que era mesmo como aquele fubá quando tá ventando milho. Você não sabe por que nunca bateu milho. Nada verde ia pra frente, até em meus canteiros atacava que não ia nada pra frente. O veneno vem é da serra mesmo, pois em outro tempo não tinha, a serra estava igual tá aqui esses matos agora, lá não tem mato. Bota o veneno lá e voa pra baixada.

Agora lá em casa nós não podemos nem mais comer fava, pois quando planta ela nasce bonitinha, depois ataca e não dá mais” (Antonina Pereira Lopez, Cabeceira do Brejo, Rio Riozinho, Município de Santa Filomena).



Participantes da oficina de produção do Mapa

AMEAÇAS E INTIMIDAÇÕES COM A CHEGADA DOS PROJETEIROS



Participantes da oficina de produção do mapa

“ Ameaçado por quê? Ora, pro povo sair e desocupar a terra, disseram que eu não tinha direito. Sabe quantos pés de laranja eu tinha no cercado? 25 pés de laranja, tudo botando. Ali eu fazia aquela hortona de canteiro, de tomate, de tudo plantava naquele lugar. Ali fazia uma rua de laranja e plantava até quando meu pai adoeceu. Tenho necessidade, eu sou aposentada, tenho o meu salário, vai chegar o dia de tirar e não tem carro. Me chamou pra morar na cidade, me chamou pra briga. Eu gosto de tá é aqui mexendo com os meus canteiros, tem canteiro aqui mais alto do que eu, cheio de tomate e batata” (Maria Rita Alves da Silva, Brejo da Areia, rio Riozinho, Município de Santa Filomena).

“ Quando meu pai adoeceu, no Brejo da Areia, onde nós morávamos, nós tinha uma roça de mandioca. Tinha um gado do senhor Tercino, que era dentro da terra comendo mandioca. Meu pai disse para eu vender aquela terra para o compadre Tercino. Assim, ele pegou a terra e vendeu pra esse cara. Foi em 1996, quando fomos pra Brejo da Areia onde meu pai morreu. Quando ele morreu um cara invadiu e vendeu a terra. Ele criou nós tudinho nesse Brejo da Areia, mais de quarenta anos ele lá nesse lugar e o cara pegou e vendeu pra outro.



Morador da Comunidade Santa Fé

Quando ele morreu, o cara vendeu. O outro veio, o seu Nonato veio e nós estávamos com uma grande roça no baixão, cheia de fava e milho que fazia gosto. Então virei pra meu irmão e disse: - E tu meu irmão, o que tu diz? Ele responde: - Eles falaram, você tem que sair daqui em quinze dias, se não eu toco fogo. O cara veio e foi dar parte do meu marido. Chegou lá deu parte e veio a intimação, daí o delegado foi contar a história que Laurentino era de lá, nascido e criado. O delegado foi e disse: - Olha seu Nonato, você perdeu a questão, a mulher é filha do velho, esse moço nasceu e se criou lá, você perdeu a questão, a terra é do rapaz. Pode ir seu Laurentino, vai criar seus filhos lá. Daí fui me embora pra Santa Fé. Pedi lugar pro padre, o padre deu, eu vim fazer essa derrubada aqui e fiz essa casa. A terrinha ficou largada. Luciano, meu filho, estava ameaçado de morte. Ele não conta por que ele não quer que todo mundo saiba que ele estava ameaçado” (Maria Rita Alves da Silva, Brejo da Areia, rio Riozinho, Município de Santa Filomena).

GRILAGEM DE TERRA E AMEAÇA À REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL NO CAMPO

“ Já está tudo de reserva dos projeteiros. Aqui não tem 15 quilômetros de distância do projeto, no máximo é 10 quilômetros, 8 quilômetros, 6 quilômetros, é assim. Tudo gradeado, que o irmão desse menino estava me contando que bem aqui, bem aqui com pareia aqui com o Tamboril, que é a dona Ana, lá dentro um pouquinho eles gradearam, que aqueles tacos de lajeiros da costaneira enxergando lá embaixo o buraco do brejo, os tacos de lajeiro caiu e rolando, caindo lá embaixo na baixada, lá embaixo no boqueirão. É capaz de entupir o brejo e secar. 10 quilômetros é muito perto... É projeto perto, muito perto mesmo. O brejo do Falcão, de 1988 pra cá, eu nunca tinha visto ele seco, vim ver do ano passado pra cá. De agosto do ano passado pra cá eu vim ver ele secar por causa do projeto do seu Sebastião. Com esse projeto aí, como um brejo desse não seca? O Brejo do Chapéu, da idade de dez anos, eu nunca vi ele seco, foi do ano passado pra cá. Brejo do Salto, eu estava na era de dez anos e eu já via, ele já passava com água. De agosto do ano passado pra cá vi ele secando. O Brejo da Areia, a mesma coisa, são quatro, o Brejo da Gurgagem, a mesma coisa, o Brejo do Carreiro a mesma coisa. Só o brejo que ainda não secou aqui, são dois brejos: Cabeça D'Água e o de Mata Grande (Luiz Pereira Lopes, Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena).

A gente não está contra o projeteiro para que ele pare de plantar, né. Agora, de forma correta, de forma que ele desmate legalmente; não desmate ilegalmente. Daqui de Santa Fé pra baixo eu contei nessa semana 12 brejos secos, talvez tenha alguém daqui que conhece os brejos. Brejos que tinha peixe e hoje não tem lugar nem pra um sapo entrar pra dentro, tudo seco. Conheci também outros olhos d'água, que talvez 10 anos atrás era água muito rica e hoje não tem mais água. Do lado que não foi desmatado ainda existe água, dá pra criar o gado, dá pra usar dentro da casa. Só que nas vertentes que está desmatada não tem, existe só o lugar do olho d'água. Será que isso é só questão da falta de chuva? Não, eu acredito que isso é um problema do homem e do governo também, porque como é que o governo deixa o projeteiro quebrar 4, 5 mil hectares e diz que tem reserva. Quebra a reserva até na custaneira, arruma documento, eu não sei como, mais consegue. E nós aqui não podemos fazer isso. Trabalhar, porque se vamos plantar uma tarefa de terra, nós precisamos tirar licença ou ter uma orientação. Então, como é que nós estamos sendo fiscalizado e o grande lá encima, não está sendo fiscalizado? Como é que o cara pode abrir não sei quantos poços, pode plantar com veneno? Como é que não tem fiscalização das margens do riozinho até o rio Parnaíba? O rio está sendo aterrado, a água não está sumindo, ele está aterrando é de areia. Existe muito lugar que é quebrado, que eles plantam no curso do rio. Então, isso é um apelo que tem que ter uma explicação do governo, porque o governo é que representa nosso Estado. Como que nós estamos sem essa aprovação aqui e lá encima eles estão aprovando tudo? Será que esses brejos secos é falta de chuva? Acredito que não é falta de chuva. Acredito que é o desmatamento desnecessário. Tem cara que está plantando naquelas terras, que não tem curva de nível, não tem o preparo e outros estão quebrando, aproveitando o espaço, que quebraram pra plantar mais tarde. Isso mais tarde vai ter aqui embaixo também. Eu acredito que não é só nós aqui que devemos fazer a justiça de casa, sendo que ali encima o cara deita e rola. Esse é um apelo que eu faço. É o seguinte, eles estão desmontando de olho pra fazer reserva embaixo (Candido, morador de Santa Fé)



Riozinho



Riozinho

Território do rio Riozinho Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena



Poço Azul



Riozinho



Brejo



Brejo



Crianças no brejo

“ É de 1988 esses projeteiros, chegaram e estão toda vida hospedados, nunca saíram daí e só aumentando a derrubada. Começaram lá perto de uma margem distante de 50, 40, 30 quilômetros. Foi chegando de lá pra cá e já está com 30, 20, 10 quilômetros fechado com projeto aí. E nós que somos posseiros que tá morando aqui, atinge nós. Também tem veneno, espanta uma caça e proíbe até a gente de passar, pois tem fazenda e se você encostar não lhe quer lá” (Luiz Pereira Lopes, morador da comunidade Santa Fé).

ASSÉDIO, INTIMIDAÇÃO E AMEAÇAS DOS PROJETEIROS

“ Qual de nós vai entrar e vai mandar ele arribar aquele pé? Nós não podemos. Por que ele já está com todos os papéis lá no cartório e o sindicato não libera pra mim e nem pra aquele; mas para o rico, pra fazer o papelzinho, será que eu estou mentindo? Agora, esse sindicato de Santa Filomena está sendo concordeiro, que o menino lá já me disse: - Seu Luiz, esse projeteiro vizinho de vocês, já veio aqui três vezes e já me disse que foi em Teresina e já caçou jeito de pegar um papel desse terreno, mas não acharam apoio. Já vieram aqui pra caçar apoio comigo e eu disse: - Não quero, eu estou caçando jeito é de agasalhar o povo e não de retirar. Ele disse isso pra mim, o Antônio, que é irmão do Markisan” (Luiz Pereira Lopes, morador da comunidade Santa Fé).



Comunidade Santa Fé



Trabalho de grupo durante a Oficina de Produção do Mapa

“ É por que tudo tem projeto, tudo tem desmatamento. Você vai daqui pra Baixa Grande você não vê mais um pé de pau. Como é que nós não vai passar sede?! Como é que você tem esse daí, seu Lourenço, tem seu Galdino, seu Raimundo e o Cândido. Olha, o Cândido está pegando os bichos dele dali. Procure ele a hora que ele chegar. Ele está alugando roça no município de Ribeiro Gonçalves para botar os bichos dele, aqui não tem pasto. O pasto dele está naufragando, está com o bicho no outro município com a roça alugada, senão o gado morre de fome. Por causa de quê? Por causa desses projetos deles lá, não dá 6 quilometro. Se der 4 quilometro do projeto, está enxergando um azulão do projeto, não dá 5 quilometro. Procura o Manelão, o Raimundo, o Galdino e o Aguinaldo, pra você ver se não é. Não é coisa contada, é coisa que a gente vê” (Luiz Pereira Lopes, morador da comunidade Santa Fé).

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NOS PROJETOS

“ Meus dois meninos trabalham lá, pegando a raiz. Pega um saco velho e fecha ele. E depois mete uma alça, mete o braço aqui e vai aqui apanhando os tocos de pau e botando dentro daquela caixota velha, distante de mil e quinhentos metros, fazendo aquilo ali pra ganhar cinquenta reais por dia. Sofrendo no sol, passando sede, pois a água é quente. Uma garrafinha de refrigerante enrolada numa camisa. Enrolou uma camisa dessa aqui e molha se quiser beber mais fria” (Luiz Pereira Lopes, morador da comunidade Santa Fé).



Trabalho de grupo durante a Oficina de Produção do Mapa

“ Esse negócio de catar raiz dura três meses, quatro meses. Começam pegar raiz em agosto, setembro e até agora dia 10 de outubro está apanhado. Tem muita gente daqui que trabalha nos projetos. E tem gente aqui que tem cinco anos, seis anos que trabalha no projeto e tem vez quando ainda sai de lá, que vem sábado, que chega aqui, se na segunda-feira não tiver lá, e chega lá na terça-feira, pois às vezes falta o dinheiro de botar uma gasolina e se não arrumar e chegar lá com dia atrasado, já ficam falando que era malandragem, já ficam falando que não quer. Querem que a gente fique lá de plantão de segunda a segunda, é só sofrer. Por que na base deles não vão botar uma pessoa pra trabalhar por mês. Mil e cem reais por mês no plantão de quinze e quinze dias, passa só o sábado à tarde e quando é o domingo, às cinco horas, já tem que estar lá. Aí já é quinze dias de novo e ainda tem muitos deles que é de seis às seis. Pega seis horas da manhã, quando é doze horas larga, pega doze e pouco e vai até seis horas da tarde. Tem uns ali que trabalham de noite. Eles trabalham a noite todinha que Deus dá. Lá nos projetos eles ficam gradeando, jogando calcário, aquela coisa. Agora tem um menino aqui que ele não trabalha de máquina, trabalha no braço, levando raiz, jogando veneno que é com aquela bomba nas costas e não trabalha com máscara, só uns paninhos velhos. Os deles lá, quando bota pra ir labutar, pra pegar, lá isso é coisa de grã-fino, não tem uma poeirinha no rosto. Tem máscara, mas não dá para os trabalhadores. Quando dá uma botina é uma vez. Aqui a gente está sofrendo, não tem pra onde ir não e nós vamos fazer o quê pra nós ficar? Nós não temos como brigar. Temos alma boa, não temos dinheiro, nós não temos um sindicato. No cartório nós não temos nada pra nós” (Luiz Pereira Lopes, morador da comunidade Santa Fé).



Apresentação dos trabalhos de grupo durante a Oficina de Produção do Mapa

POTENCIALIDADES DA COMUNIDADE, COISAS BOAS



Coco catolé, localidade Catão

“ Em primeiro lugar a união dos moradores, o rio, frutas nativas como o buriti, bacaba, butirana, pequi, manga, puçá, mangaba. Além da luta pela lavoura, plantar arroz, feijão, milho e etc. A criação de bovinos, suínos e galinhas” (Manoel Alves Lopes, morador da comunidade Santa Fé).

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS VIVENCIADOS NO DIA A DIA DA COMUNIDADE

“ Falta de uma caixa de água maior, para suportar, dar conta de água para a comunidade. Energia elétrica e um meio de transporte escolar. As terras estão sendo visadas pelos projeteiros para reservas e as derrubadas, que estão acabando com as baixadas. E a falta de acompanhamento de um paciente, com problemas mentais. Os agrotóxicos também que descem pelos rios, que causam alergias e matam os peixes. E as pragas, como a mosca branca” (Leandro Pereira dos Santos, morador da comunidade Santa Fé).



Participantes da oficina de produção do mapa

NOSSOS ALIADOS



Crianças da comunidade Santa Fé

“ Nossos parceiros são o padre João, CPT e o Sindicato. Observação: o sindicato, há seis meses atrás, porque antes não tinha esse alinhamento do sindicato com a gente aqui. E a universidade, no caso, vocês” (Leandro Pereira dos Santos, morador da comunidade Santa Fé).

DESEJOS E SONHOS DA COMUNIDADE

“Primeiramente, a gente quer conseguir os títulos das nossas propriedades. Hospital, energia e uma ambulância. Porque nossa comunidade tem só três carros para socorrer nós. O padre, Anísio e Cândido. Se um desses três não tiver aqui, tiver alguém de morrer, morre, pois nós não temos como se deslocar para uma cidade para cuidar da saúde. E estrada para se deslocar. Continuar com nossa produção, com segurança e ter acesso a um financiamento para compra de equipamento, para aumentar as nossas produções. Esse negócio é coisa simples, pra não passar vergonha. Eu recebi uma notícia de terceiros que a gente conseguia fazer um financiamento. Eu fui a Corrente, fui até na gerência do Banco do Nordeste, mostrei os papéis que tinha. E ele disse que o que eu tinha era nada. Que era a mesma coisa de dizer de boca-a-boca, eu tenho isso, mas não tenho nada” (José Pereira da Silva, morador da comunidade Santa Fé).



Jovem da Comunidade Vão do Vico/Sete Lagoa que participou da oficina



Meninas da Comunidade Santa Fé



Oficina de Produção do Fascículo e Mapa

PARCERIAS

Comissão Pastoral da Terra – CPT
Padre João, Aécio e Isaías
Sindicato de Trabalhadores/as Rurais de Santa Filomena
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)



Mulheres da Comunidade Santa Fé



Padre João e moradores da comunidade Santa Fé participando da reunião do PNCSA



Primeira reunião do PNCSA na Comunidade Santa Fé, em novembro de 2016



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núcleo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais
8. Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino
9. Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguarí, Cocalinho - MT /
10. Comunidade tradicional vazanteira da Ilha de Pau de Léguas, Manga - MG
11. Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova - PI
12. Comunidade Brejo das Meninas: luta e resistência pela posse de terra no cerrado piauiense - PI
13. Território do Rio Riozinho Comunidade Santa Fé, Município de Santa Filomena

Financiamento:



FORDFOUNDATION

Realização e apoio:

Nova Cartografia Social do Brasil
**PROJETO BRASIL
CENTRAL**

Laboratório do
PNCSA UFPI



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

Grupo de Pesquisas sobre
Identidades Coletivas,
Conhecimentos Tradicionais e
Processos de Territorialização